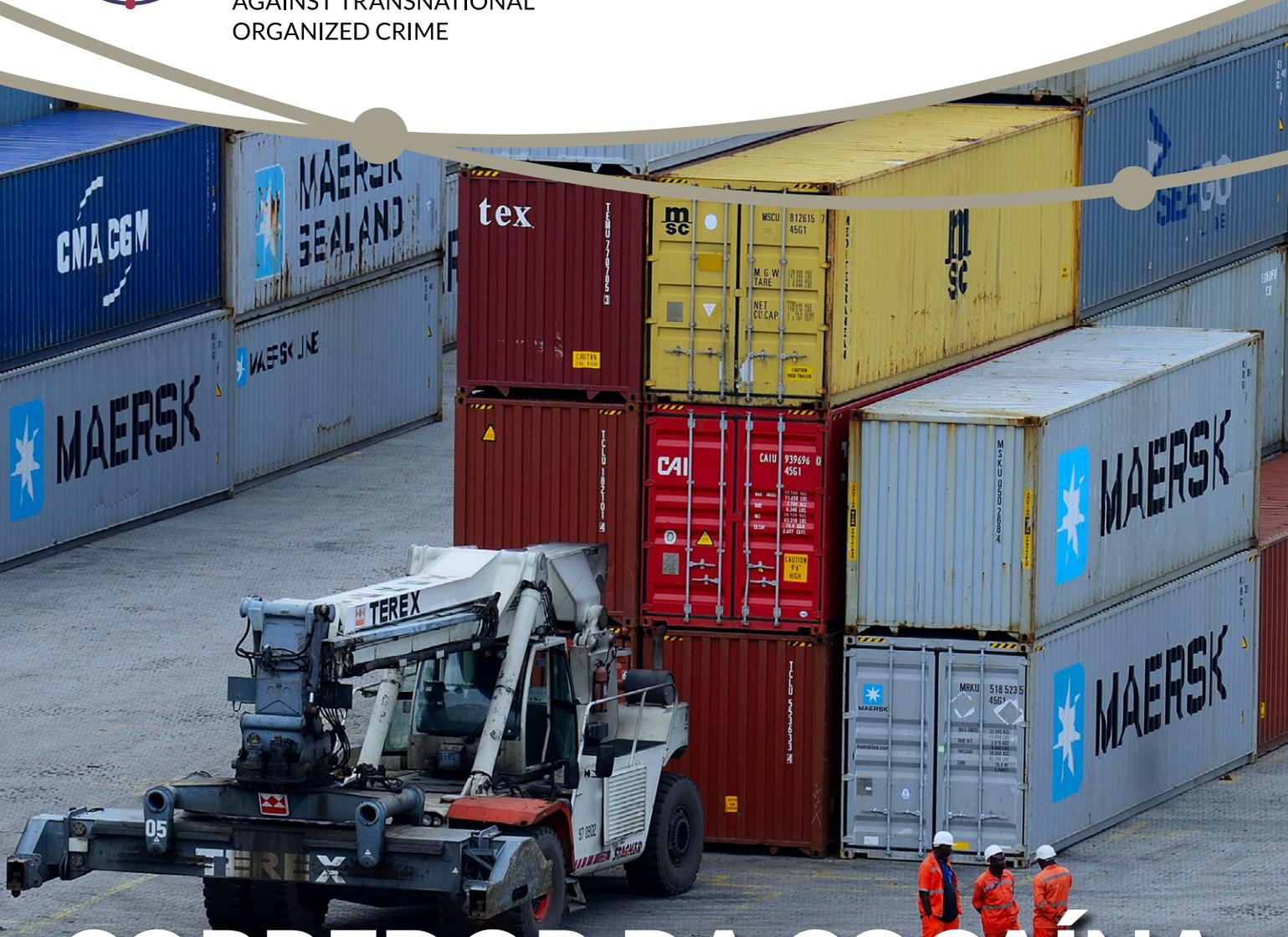


GLOBAL INITIATIVE

AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME



CORREDOR DA COCAÍNA DA ÁFRICA OCIDENTAL

Edificar uma resposta sub-regional

Lucia Bird

ABRIL 2021

AGRADECIMENTOS

Este brief de política resulta da prolongada presença da GI-TOC na Guiné-Bissau e em toda a região, colaborando com a sociedade civil no intuito de proporcionar dados atualizados e contextualizar tendências relacionadas com redes de crime organizado, comércio ilícito e respostas públicas a estes fenómenos. Agradecemos a todos os intervenientes que contribuíram para a investigação por detrás deste documento.

NOTA

Este relatório foi corrigido em 22 de Julho de 2022. A quantidade de cocaína apreendida pelas autoridades Gambianas em 2019 num contentor importado pela Laura Food Company foi incluída na Figura 1, e na Figura 2. Era incorrecto que esta quantidade não fosse conhecida - como indicado anteriormente. Além disso, Banta Keita não era um residente de Dakar.

© 2021 Global Initiative Against Transnational Organized Crime (Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional).
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão por escrito da Global Initiative.

Capa: Imagebroker/Alamy
Desígn: Ink Design
Traduzido do inglês: Elisabete Vilar

Por favor, dirija pedidos de informação a:
Global Initiative Against Transnational Organized Crime
Avenue de France, 23
Genebra, CH-1202
Suíça
www.globalinitiative.net

ÍNDICE

Introdução: O Corredor da Cocaína.....	1
Um Ecossistema Costeiro Ilícito.....	4
A infraestrutura de mobilidade.....	4
Zonas fronteiriças e espaço contestado.....	9
Governança e Estado de direito.....	10
Operadores no ecossistema costeiro.....	12
Iniciativas regionais.....	14
Recomendações: uma resposta sub-regional.....	16
Notas.....	18

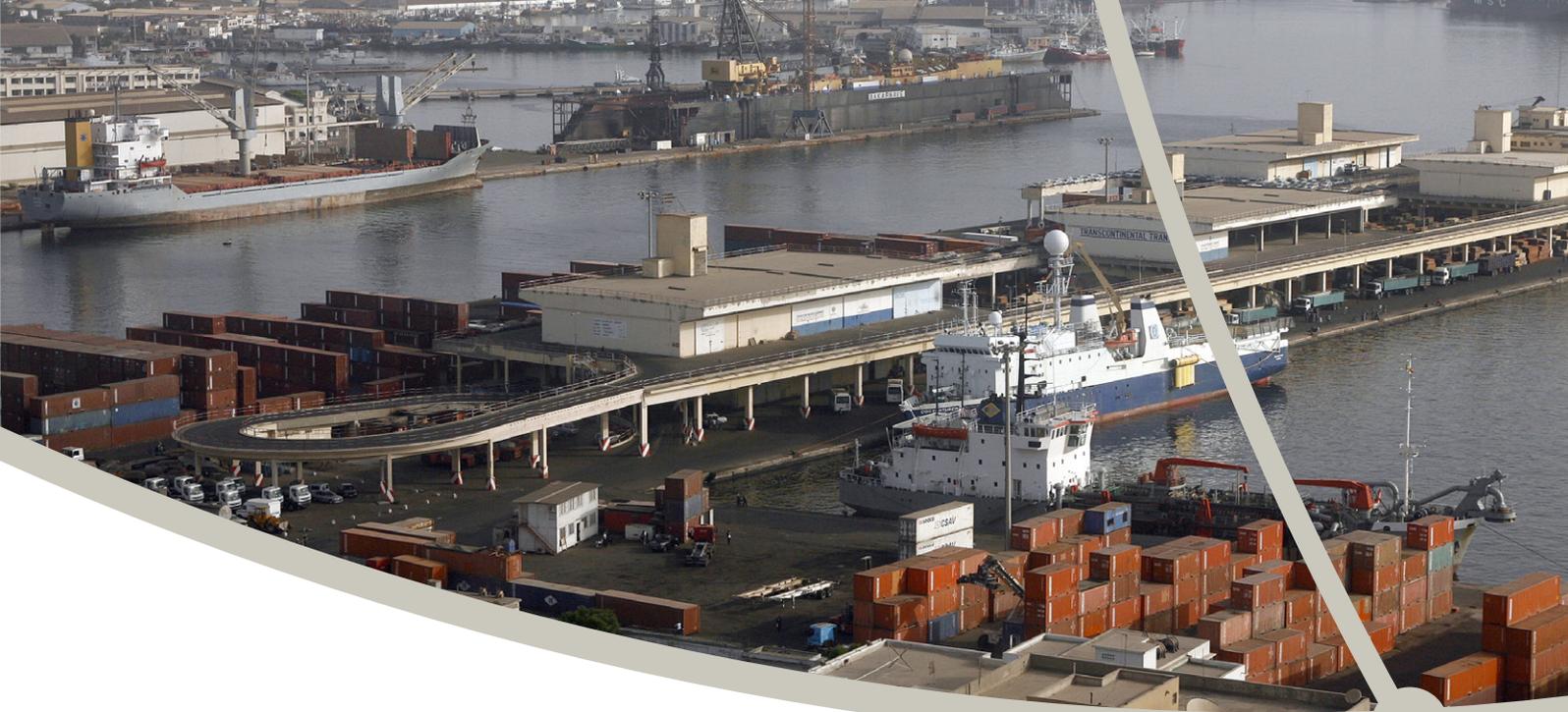
SUMÁRIO

A apreensão de quantidades recorde de cocaína entre 2019 e janeiro de 2021 na África Ocidental chamaram a atenção internacional para o tráfico de cocaína na região. Tais ocorrências também posicionam a Guiné-Bissau, e os vulneráveis países vizinhos do litoral, no centro das atividades de tráfico de droga na região.¹ Os países costeiros estendendo-se do Senegal, passando pela Gâmbia e Guiné-Bissau até à Guiné-Conacri estão de novo a operar como notável corredor para a cocaína latino-americana que atravessa a África Ocidental a caminho dos mercados finais na Europa – após uma pausa, ou pelo menos um período de visibilidade diminuída, nesta rota. A produção de cocaína na América Latina atingiu agora níveis sem precedentes e, ao mesmo tempo, a procura na Europa aumentou. As apreensões dos últimos dois anos excedem qualquer outra na história da região.²

Os traficantes importam cocaína para a África Ocidental através de múltiplos pontos de entrada marítima, tanto no território litoral que se estende do Senegal à Guiné-Conacri, quanto mais a sul, com a Côte d'Ivoire a desempenhar um papel proeminente desde 2019.

Este brief debruça-se sobre o corredor entre o Senegal e a Guiné-Conacri e as características geopolíticas subjacentes ao tráfico de cocaína nesta sub-região.

As estruturas que sustentam a importação, o armazenamento e o posterior tráfico de cocaína através deste corredor são mais bem entendidas enquanto um ecossistema de natureza criminal composto de uma série de núcleos, pontos de trânsito e zonas de criminalidade estreitamente interligados (aqui referidos como o “ecossistema costeiro”).³ As características sociopolíticas e infraestruturais de cada um deles condicionam a sua vulnerabilidade à exploração por redes criminosas. A cartografia destes polos ilícitos e a compreensão do seu papel na facilitação de atividades de tráfico através do corredor da cocaína reforça a compreensão da economia sub-regional da cocaína, da articulação entre os vários núcleos e intervenientes no mercado ilícito e informa a resposta sub-regional transfronteiriça convocada para solucionar o problema.⁴ Este brief examina este ecossistema costeiro, utilizando dados de apreensões recentes para realçar a forma como as redes criminosas capitalizam aquelas características geopolíticas nas suas operações.



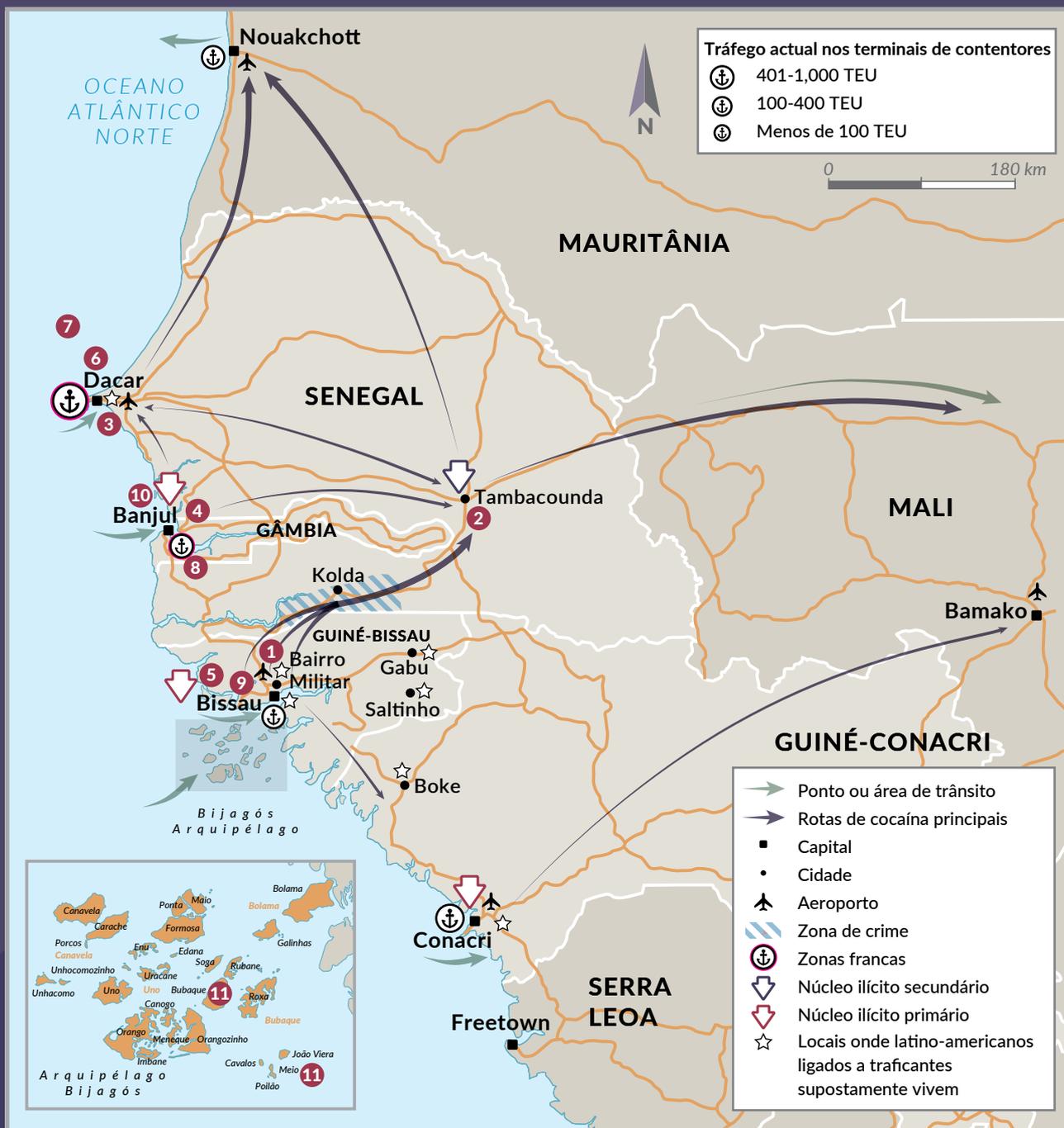
INTRODUÇÃO: O CORREDOR DA COCAÍNA

O ecossistema costeiro de tráfico de droga da África Ocidental começou a atrair atenção em 2007, quando foram observados volumes significativos de cocaína em trânsito na região, provenientes de países de origem latino-americana. Em consequência, o consumo nacional na região aumentou drasticamente e os lucros da droga comprometeram a integridade de governos e instituições motivados pelo lucro. De uma perspectiva político-económica – e sociológica – o tráfico de cocaína revelar-se-ia um grande destabilizador tanto na região quanto através dos corredores de transporte dos países situados ao longo da rota do Sahel e subsarianos para o mercado.⁵

Posteriormente, um declínio nas apreensões a partir de 2008 e uma quase seca nas apreensões entre 2013 e 2019 foram interpretadas como prova de que a região estava a desempenhar um papel cada vez mais relevante como ponto de trânsito nas rotas globais de tráfico de cocaína. Consideráveis apreensões em 2019 descartaram esta teoria e indicam significativos volumes de tráfico de cocaína através da região (ver Figura 2); de facto, a sua escala sugere que alguns fluxos tinham continuado a transitar pela região durante os anos de declínio, uma vez que cargas pontuais de tal escala são altamente improváveis. Na análise das estruturas subjacentes ao tráfico de cocaína na região, este brief debruça-se sobre o corredor costeiro que se estende entre o Senegal e a Guiné-Conacri (aqui referido como o “ecossistema costeiro”).

A correlação entre tráfico e a instabilidade é reconhecida na região. Portanto, o recente recrudescimento detectado desde o início de 2019 ameaça, mais uma vez enviar, ondas de choque de instabilidade no seio dos estados deste ecossistema costeiro, atingindo a altamente vulnerável área do Sahel-Sahara.⁶ Um melhor conhecimento do ecossistema costeiro é urgentemente requerido no intuito de moldar respostas eficazes e eficientes.

▲ O porto de Dacar é um dos pontos-chave de trânsito do ‘ecossistema costeiro’ de tráfico de droga da África Ocidental © Georges Gobet/AFP via Getty Images

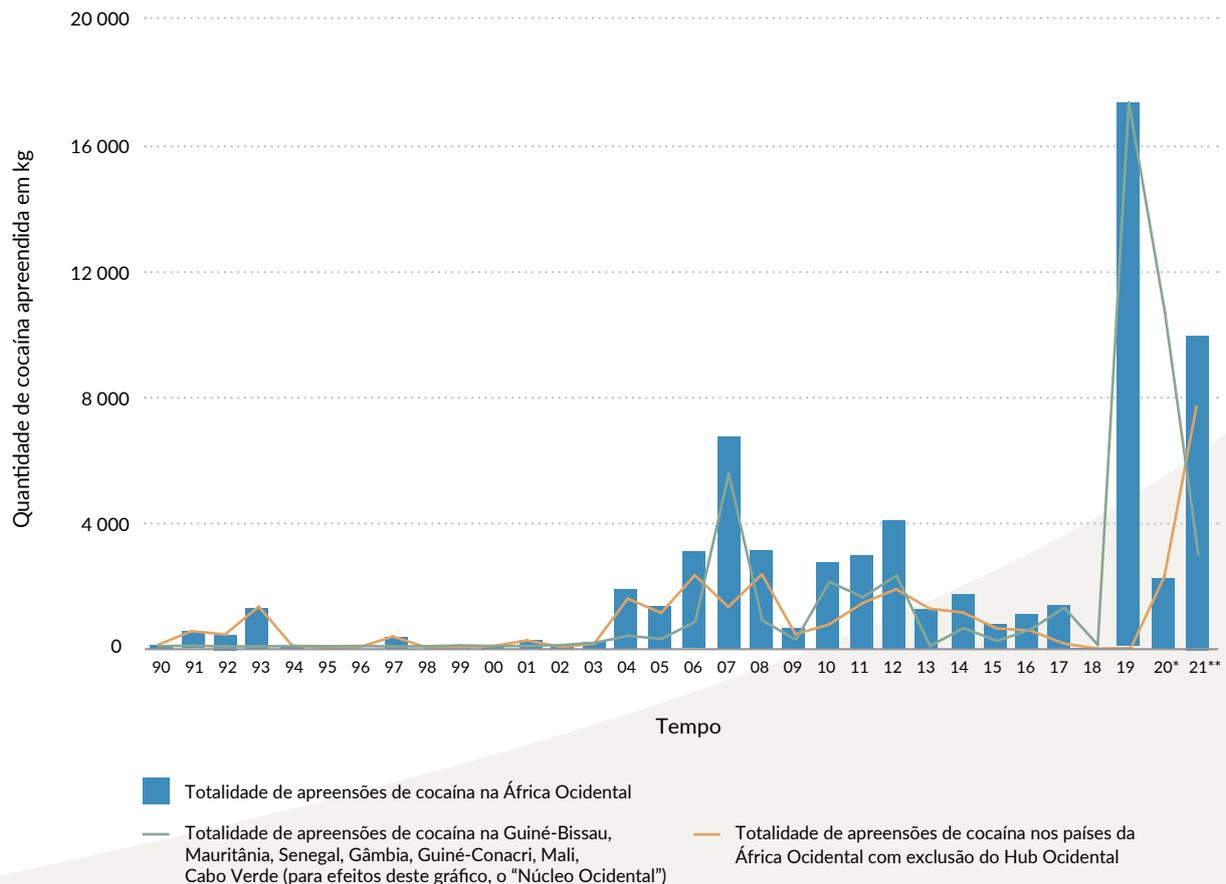


Principais apreensões de 2019-2021

- 789 kg em março de 2019. Camião tinha viajado de Dacar para Bissau, e deveria ter viajado para o Mali, provavelmente através da rota de Tambacounda. Primeira grande apreensão na Guiné-Bissau mais de uma década.
- 72 kg apreendidos no Senegal em abril de 2019, Barragem de Gouloumbu, na nacional 6, 32 km a sul de Tambacounda.
- 1,3 toneladas de cocaína apreendidas em quatro dias no Senegal. A cocaína foi escondida em dois navios de pavilhão italiano. O segundo carregamento foi o maior do país desde 2007, e foi encontrado dentro de 15 carros com destino final da Europa, num navio do Brasil.
- As autoridades da Gâmbia apreenderam 52,6 kg de cocaína no porto de Banjul num contentor importado pela Laura Food Company.
- Caió e Canchungo – locais de apreensão de cocaína a 2 de setembro de 2019.
- 4 kg de cocaína apreendidos no porto de Dacar a 17 de setembro de 2019.
- 750 kg de cocaína apreendidos pela marinha senegalesa (numa operação conjunta com a marinha espanhola) num barco de pesca interceptado em 6 de novembro de 2019.
- Dois cidadãos da Bissau-Guiné, detidos no posto fronteiriço de Giboro pelas autoridades da Gâmbia com pastilhas de cocaína. Ambos tinham documentos de residência europeus.
- Apreensão de 1 kg de cocaína no aeroporto de Bissau. O chefe dos serviços de fronteiras da Guiné-Bissau foi entretanto detido em setembro de 2020, em ligação com a apreensão.
- As autoridades da Gâmbia apreendem 2,9 toneladas de cocaína em contentores no porto de Banjul a 8 de janeiro de 2021.
- Vulnerabilidades do Arquipélago de Bijagós. As ilhas consideradas mais vulneráveis são as habitadas (das 88 ilhas, apenas 21 são habitadas). Tem havido relatos de desembarques nas ilhas Bubaque e Meio, como indicado no mapa.

FIGURA 1 Núcleos, pontos de trânsito e zonas de crime no ecossistema costeiro, mostrando as principais apreensões de cocaína, 2019-2021.

Este brief analisa as características cruciais dos núcleos e ecossistemas ilícitos e examina o ecossistema costeiro. É importante, contudo, reconhecer que as mudanças nos padrões de apreensão não indicam necessariamente mudanças nas tendências de tráfico, sendo, pelo contrário, frequentemente resultado de prerrogativas e eficácia da aplicação da lei. Podem, no entanto, fornecer pistas sobre as tendências subjacentes. Este brief baseia-se em dados relativos a apreensões, mas complementa-os com investigações realizadas adicionalmente sobre as redes por detrás das apreensões, juntamente com a monitorização e recolha de dados em curso na região.



* Uma apreensão em 2020 no Senegal não está incluída neste gráfico. A apreensão foi relatada como sendo de 17 toneladas, porém não foi possível confirmar esta quantidade.

** Dados apenas para de janeiro a março de 2021.

FIGURA 2 Apreensões de cocaína no ecossistema costeiro da África Ocidental, 1990–2021.

Nota: O ecossistema costeiro inclui a Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e Mali. Os dados de Cabo Verde são incluídos porque, embora fora do âmbito deste brief, estão estreitamente interligados e posicionados fora da região costeira sob escrutínio.

Fontes: Dados coligidos pela GI-TOC, incluindo a partir de relatórios anuais do questionário do UNODC e da base de dados do UNODC Individual Drug Seizure Database (IdS); estes foram complementados com dados de outras fontes do UNODC, incluindo escritórios regionais do UNODC no terreno e o relatório WENDU (2019), publicado pelo UNODC em parceria com a CEDEAO e a UE. Nos casos em que ocorreram grandes apreensões de cocaína que não estão refletidas nos dados do UNODC, os dados foi complementado por publicações da comunicação social e artigos revistos por pares em revistas académicas.



▲ Uma paisagem de uma das ilhas do arquipélago das Bijagós. A Guiné-Bissau é um dos principais nós do corredor de trânsito de cocaína da África Ocidental. © Anton Ivanov/Shutterstock

UM ECOSISTEMA COSTEIRO ILÍCITO

O ecossistema costeiro, com a Guiné-Bissau geográfica e estrategicamente situada no centro, apresenta características reconhecidamente associadas ao desenvolvimento de núcleos de actividade ilícita.⁷ Embora o foco deste brief seja a economia da cocaína, os núcleos, pontos de trânsito e zonas de criminalidade deste ecossistema são áreas com elevados níveis de policriminalidade.⁸

A infraestrutura de mobilidade

O alicerce das actividades de tráfico de droga deste ecossistema costeiro da África Ocidental consiste numa infra-estrutura de transportes que liga a região a áreas de produção e consumo de cocaína; articula também os núcleos no seio do ecossistema. Cada um dos núcleos principais do ecossistema beneficia de um aeroporto internacional, um porto marítimo com um terminal de contentores e redes rodoviárias regionais.⁹

Embora os centros ilícitos possam geralmente ser rurais ou urbanos, dentro deste ecossistema costeiro cada um consiste numa cidade.¹⁰ Cidades funcionam frequentemente como centros-chave para negócios tanto lícitos quanto ilícitos, dado que estão situadas em corredores comerciais, particularmente em locais onde as mercadorias são transferidas de um meio de transporte para outro.

A maior proporção do comércio global move-se através de portos marítimos, tornando as cidades portuárias fulcrais tanto para o comércio internacional como para o comércio ilícito. A vaga de apreensões de cocaína nos portos do ecossistema costeiro entre 2019 e 2021 ressalta esta dinâmica paralela e perversa da globalização.¹¹

Em todo o continente, projectos infraestruturais primordiais têm-se concentrado no aumento da produtividade de portos enquanto meio crucial de impulsionar o desenvolvimento económico.¹² À medida que os volumes de comércio no ecossistema costeiro crescem, a oportunidade proporcionada às redes criminosas aumenta em paralelo.¹³ O tráfego de contentores é particularmente vulnerável à cooptação por redes criminosas, uma vez que os enormes volumes que na atualidade transitam através de qualquer porto tornam um rastreio detalhado impraticável. As autoridades portuárias em África e na Europa têm uma capacidade média de rastrear fisicamente menos de 2% dos contentores que transitam pelos seus portos.¹⁴ As apreensões efectuadas em contentores são, assim, esmagadoramente executadas com base em serviços de informação. Por exemplo, na apreensão de cocaína num contentor em Banjul, em janeiro de 2021, as autoridades gambianas reconheceram que foi apenas devido à 'informação credível' que contentores foram revistados e foram encontrados 118 sacos de cocaína escondidos entre uma carga de sal industrial.¹⁵

Contudo, a probabilidade de carga ilícita ser interceptada através de serviços de inteligência é reduzida na sequência de corrupção, que é generalizada no seio das autoridades portuárias do ecossistema costeiro (esta questão é explorada mais adiante).¹⁶ E um outro desafio à vigilância é o facto de os portos de Banjul e Dakar fazerem parte de zonas de comércio livre, que têm o efeito regulador de reduzir a fiscalização do comércio e do tráfico, criando lacunas na vigilância e facilitando o branqueamento de capitais.¹⁷ Esta combinação de uma eficiente conectividade internacional e má governação torna estes portos marítimos vitais para o tráfico de cocaína ao longo do ecossistema costeiro.

Os aeroportos internacionais beneficiando progressivamente de boas ligações no ecossistema (particularmente Dakar, que dispõe de um aeroporto em acelerado crescimento)¹⁸ também criam oportunidades para o tráfico (embora em menor volume)¹⁹ e intensificam a conectividade intercontinental para os operadores criminosos. Este último é particularmente importante para os traficantes latino-americanos, que são atores-chave no ecossistema costeiro (como se discutirá adiante).

Finalmente, a rede rodoviária é crucial para movimentar cocaína entre núcleos no ecossistema e até aos mercados finais. Duas rotas terrestres principais são utilizadas para o transporte de cocaína latino-americana que é descarregada em pontos de entrada no ecossistema costeiro (bem como em pontos de acesso mais a sul ao longo da costa). A primeira é através do Mali (passando quer pela fronteira sul com o Senegal, Guiné-Conacri, Côte d'Ivoire e Burkina Faso, quer pela fronteira noroeste com a Mauritânia), antes de chegar ao norte do Níger e ao sul da Líbia, rumo aos mercados de destino. Na segunda rota, cada vez mais popular, que acompanha a costa, a cocaína é transferida da Guiné-Bissau através do Senegal para a Mauritânia, a partir de onde barcos de pesca são utilizados para levar a mercadoria para a Europa.



Espera de tráfego na fronteira entre o Senegal e a Guiné-Bissau. A rede rodoviária é utilizada para o transporte de mercadorias ilícitas entre núcleos do ecossistema.

A infraestrutura rodoviária dita a criação de uma cidade secundária no ecossistema: Tambacounda, a maior cidade do leste do Senegal, localizada junto da Gâmbia (ver Figura 1). Tambacounda encontra-se no cruzamento das principais estradas que ligam o Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau e Mali e ainda oferece ligações a norte para a Mauritânia. A rota através de Tambacounda é indispensável para os fluxos de tráfico de cocaína, como evidenciado pela existência de numerosas apreensões de pequena dimensão, incluindo um carregamento de 72 quilos em Abril de 2019.²⁰ Um funcionário aduaneiro senegalês, tendo trabalhado extensivamente nesta rota, atesta ter estado pessoalmente envolvido em 24 apreensões de cocaína naquela rota em 2018, a maior das quais foi de 6 quilos.²¹ As apreensões de cânhamo²² e a prevalência de intermediários na indústria de auxílio à imigração em Tambacounda apontam para policriminalidade, com operadores a aproveitarem as oportunidades apresentadas pela posição da cidade no interface entre os ecossistemas costeiros e interiores.²³

A infraestrutura destes núcleos também propicia conectividade por meio de telecomunicações. Além disso, as cidades permitem que as redes criminosas atravessem a ténue clivagem entre mercados lícitos e ilícitos, branqueando fundos ilícitos através de bancos e empresas legais e explorando serviços prestados por advogados e empresas de logística para fazer circular mercadorias e gerir operações. Estas cidades permitem dissimulação, dado que as operações ilícitas podem fundir-se de forma indetectável com negócios legais enquanto os lucros da droga são injectados na economia formal. Os bens imobiliários são um dos métodos preferidos de branqueamento de capitais e o dinheiro proveniente do tráfico de droga tem alegadamente viabilizado uma série de construções em Bissau e Dakar, incluindo mansões e outros edifícios.²⁴

Características dos núcleos ilícitos e dos ecossistemas criminosos

Embora a terminologia em torno dos ‘núcleos ilícitos’ seja dinâmica,²⁵ existe maior consenso quanto às características que influenciam onde são criados os centros, e as áreas de trânsito e as zonas de criminalidade que os interligam. O termo ‘ecossistema criminoso’ é utilizado para se referir a um conjunto estreitamente entrelaçado de pólos ilícitos.

Embora tenha sido identificado um grande número de características geopolíticas e socioeconómicas favoráveis ao desenvolvimento desses núcleos, as mais críticas dividem-se nas quatro categorias seguintes.²⁶

- 1.** Nas fundações da conectividade indissociável destes nós de ligação dos fluxos ilícitos globais encontra-se a existência da infraestrutura de mobilidade, nomeadamente estradas, portos marítimos e aeroportos. Esta infraestrutura agrega o espaço local ao espaço regional e, para lá deste, ao plano internacional, ligando redes criminosas a cadeias de abastecimento e mercados internacionais e facilitando as articulações entre grupos.
- 2.** Uma economia informal é crucial para o desenvolvimento de núcleos ilícitos e interseções com sistemas financeiros formais são apetecíveis. Esmagadoramente dependente de dinheiro-vivo, a economia informal facilita o branqueamento dos lucros da economia ilícita. Quando existe uma economia informal a par de negócios lícitos, esta pode constituir um ponto de entrada para a injeção de dinheiro ‘sujo’ no sistema financeiro formal.²⁷
- 3.** Os núcleos desenvolvem-se habitualmente em ou junto de espaços cuja soberania é contestada, o que cria oportunidades de contextos regulamentares

informais e governação criminosa. Isto inclui áreas fronteiriças, espaços geopoliticamente limítrofes tipicamente caracterizados por níveis mais baixos de controlo estatal.²⁸ Além de uma governação fragmentada, as zonas fronteiriças oferecem vantagens práticas para as redes criminosas. É especialmente o caso quando essas fronteiras são porosas. Ao mesmo tempo que reduz os obstáculos para os operadores criminosos, a porosidade das fronteiras cria desafios jurisdicionais na perseguição da criminalidade e dificulta a manutenção da ordem.²⁹ A corrupção (que se enquadra na quarta categoria abaixo) exacerba estas vantagens criminais e desafios jurídicos. A corrupção facilita a circulação transfronteiriça clandestina de pessoas e mercadorias e muitas vezes prejudica a cooperação transfronteiriça no sentido da aplicação da lei.³⁰

- 4.** Os núcleos ilícitos surgem habitualmente em zonas nas quais o Estado de direito é frágil, mas não totalmente ausente.³¹ A corrupção, que lubrifica as engrenagens da economia ilícita, floresce em áreas de pobre governação, facilitando economias de clientelismo.³² No entanto, tal como detalhado no ponto 1 acima, as redes criminosas precisam de infra-estruturas fiáveis para funcionar. No caso de Estados demasiado instáveis ou falhados, as infra-estruturas ficam comprometidas, ameaçando as operações. Por exemplo, no contexto de tráfico de droga, a potencial perda de uma carga para assaltantes ou grupos armados – tipos de grupos normalmente encontrados em Estados falhados – representa um risco para os lucros inaceitável.

Redundâncias estratégicas e rotas de tráfico diversificadas

A vaga de apreensões desde 2019 na região aponta para a utilização de numerosos pontos de entrada e rotas em operações de tráfico de cocaína. É provável que tal se deva, em parte, pela coordenação das importações por uma série de atores, mas também aponta para a adoção de diferentes rotas de importação pelas redes de tráfico.

Esta capacidade de alternar entre núcleos interligados (que também era uma característica do ecossistema costeiro em meados dos anos 2000) gera redundâncias na cadeia de abastecimento de cocaína, permitindo aos traficantes adaptarem-se à evolução sociopolítica ou das forças policiais.³³

Dois incidentes na história do ecossistema ilustram de que modo as redes de tráfico têm aproveitado estas redundâncias para se adaptarem, em primeiro lugar, a mudanças sociopolíticas (mais especificamente, a mudanças nas estruturas de proteção), e, segundo, à pressão das forças da ordem. Também explicam, em parte, o motivo pelo qual a Guiné-Bissau não é utilizada mais exclusivamente como ponto de entrada, apesar das condições favoráveis proporcionadas pelas suas instituições cronicamente débeis.

No primeiro episódio, em 2007, os militares bissau-guineenses terão começado a roubar droga aos cartéis latino-americanos. Estes últimos conseguiram transferir rapidamente as operações para os Estados vizinhos,

deslocando a sua base e até a sua frota automóvel de Bissau para Conacri.³⁴ Este incidente, e a propensão para o roubo entre os militares que ele revela, ilustra igualmente mais um motivo para evitar a excessiva dependência da Guiné-Bissau, situação que traria o risco de conceder aos militares, depois de terem provado não ser parceiros fiáveis, um controlo significativo do tráfico. Desde então, as táticas dos militares permanecem inalteradas: entre finais de 2020 e janeiro de 2021, os militares terão roubado parte de uma remessa de cocaína a um novo operador bissau-guineense, que já tinham sido pagos para proteger.³⁵

Em segundo lugar, o aumento do fluxo de cocaína através da Guiné-Conacri em 2013 aponta para uma maior deslocação da Guiné-Bissau na sequência da operação policial de 2013 da agência de combate ao tráfico de droga dos EUA (Drug Enforcement Administration – DEA), que alarmou os atores envolvidos no tráfico de droga.³⁶

Estas dinâmicas diversificadas devem ser interpretadas como parte de uma estratégia concertada para diminuir o sucesso da aplicação da lei pelas forças policiais e são uma função das tensões inerentes às relações entre os operadores criminosos e as estruturas de proteção. As redes mudarão de rota quando as tensões aumentarem e as suas transações forem ameaçadas.

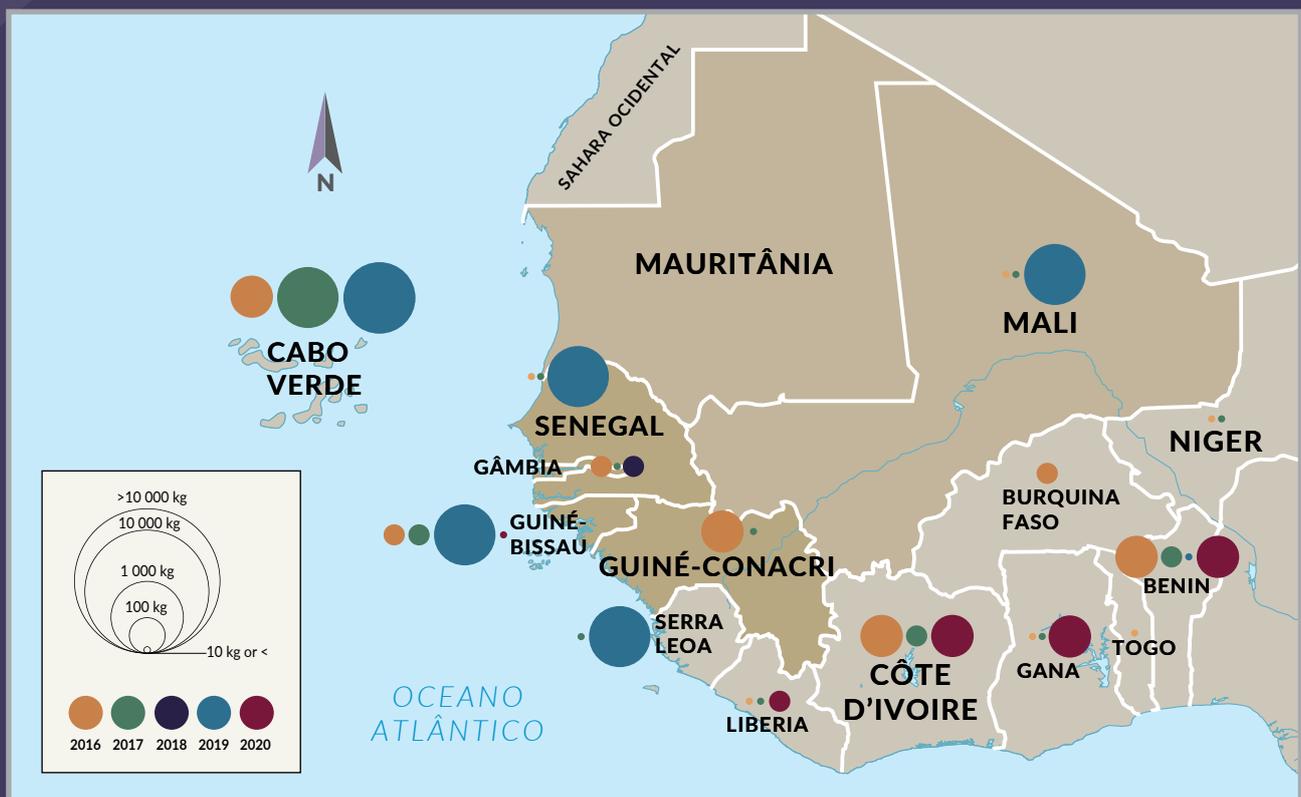


FIGURA 3 Apreensões de cocaína na África Ocidental, 2016–2020.

Zonas fronteiriças e espaço contestado

O ecossistema costeiro contém uma densa convergência de zonas fronteiriças. A liberdade de circulação transfronteiriça na região permitida aos cidadãos da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) tem o efeito de beneficiar igualmente os atores criminosos, com os desafios que isso representa para a aplicação da lei e procedimentos judiciais.³⁷ Tais operadores tiram facilmente partido das regulamentações fronteiriças regionais – para se mudarem quando estão em risco de serem impedidos de fazerem as suas atividades num dos núcleos ou para transportarem cocaína rapidamente entre locais e para os mercados finais.³⁸

A contestação da governação da região de Casamança, situada entre o Senegal e a Guiné-Bissau, coloca em evidência o importante papel das zonas fronteiriças neste ecossistema. Partida a meio pela mais importante rota de tráfico da Guiné-Bissau até Tambacounda, a região é uma conveniente zona tampão entre o ponto de entrada, armazenamento e 'refúgio' da cocaína da Guiné-Bissau e os outros pólos do ecossistema costeiro (particularmente o Mali).³⁹ A apreensão de 789 quilos de cocaína na Guiné-Bissau, em Março de 2019, ocorreu junto de Safim, uma vila a 15 quilómetros de Bissau. Safim situa-se na estrada que conduz a norte até à fronteira com o Senegal; este carregamento destinava-se muito provavelmente para o Mali e depois para a Mauritânia.⁴⁰ Seguramente, a rota para o Mali teria sido a estrada principal através da região de Casamança até Tambacounda.⁴¹

A população da região de Casamança, pertencente a uma etnia diferente daquela da maioria dos restantes senegaleses, há muito que se sente marginalizada no Senegal.⁴² Essa situação estimulou um movimento separatista, e a região tem-se encontrado num estado de ligeira insurreição desde meados da década de 1980. Em janeiro de 2021, quando os combates entre as forças senegalesas e os rebeldes de Casamança voltaram a incendiar-se, a ténue trégua foi quebrada.⁴³

Na ausência de um adequado controlo estatal da região, Casamança tornou-se célebre pela livre circulação não só de cocaína, mas também de uma série de outras mercadorias ilícitas, incluindo armas, madeira ilegal e outras drogas. É também uma região-fonte de migrantes que se dirigem para a Líbia e a Europa e migrantes em trânsito da vizinha Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e Gâmbia.⁴⁴

Finalmente, as fronteiras marítimas dos núcleos costeiros são cruciais no seu papel de pontos de acesso de cocaína, não só devido a deficiente governação portuária, como discutido acima, mas também como resultado da topografia, com uma série de pontos de entrada informais a estimularem a linha costeira da região. O arquipélago dos Bijagós, da Guiné-Bissau, proporcionou um ponto de desembarque naturalmente ocultado para a cocaína que foi apreendida em março e setembro de 2019.⁴⁵

Governança e Estado de direito

Os países do ecossistema costeiro aglomeram-se nos últimos lugares do Índice de Estados Frágeis de 2020. Porém, nenhum se enquadra nas duas categorias mais frágeis (estados falhados e insegurança generalizada).⁴⁶ Este grau de fragilidade dos países cria o contexto ideal para estruturas de governação ilícita: trata-se de estados institucionalmente fracos mas conservando estabilidade suficiente para facilitar operações comerciais bem sucedidas.⁴⁷

A governação e os mercados ilícitos coexistem num equilíbrio delicado: a frágil governação permite o desenvolvimento de mercados ilícitos, o que, por sua vez, gera instabilidade. Contudo, a instabilidade excessiva torna núcleos menos atractivos para os operadores ilícitos, levando a transferências para outros locais.⁴⁸ Antonio Mazzitelli, chefe dos programas da UNODC na África Ocidental, argumenta que, em 2008, o tráfico de cocaína tinha resultado em demasiada instabilidade nos estados costeiros, tendo levado praticamente ao desaparecimento de apreensões na África Ocidental.⁴⁹ Embora esta conclusão seja difícil de provar, dados do Índice dos Estados Frágeis entre 2006 e 2020 apontam para um aumento global da instabilidade entre 2008 e cerca de 2017, após o qual cada um dos países do ecossistema começou a tornar-se mais estável – correspondendo ao ressurgimento das apreensões em 2019. (No entanto, os dados não demonstram uma clara diminuição da fragilidade entre 2008 e 2020).

Os estados centrais desta constelação partilham, em diferentes níveis, características de governação repetidamente identificadas como favoráveis ao aparecimento de núcleos ilícitos – nomeadamente, poder centralizado; concentração de recursos em muito poucas mãos; ausência de escrutínio e falta de independência e eficácia do sistema judicial.⁵⁰ Nestes núcleos, o papel da elite político-militar, que oferece protecção em troca de rendimentos, remonta ao inícios do tráfico de trânsito regional de cocaína a granel do início dos anos 2000.⁵¹

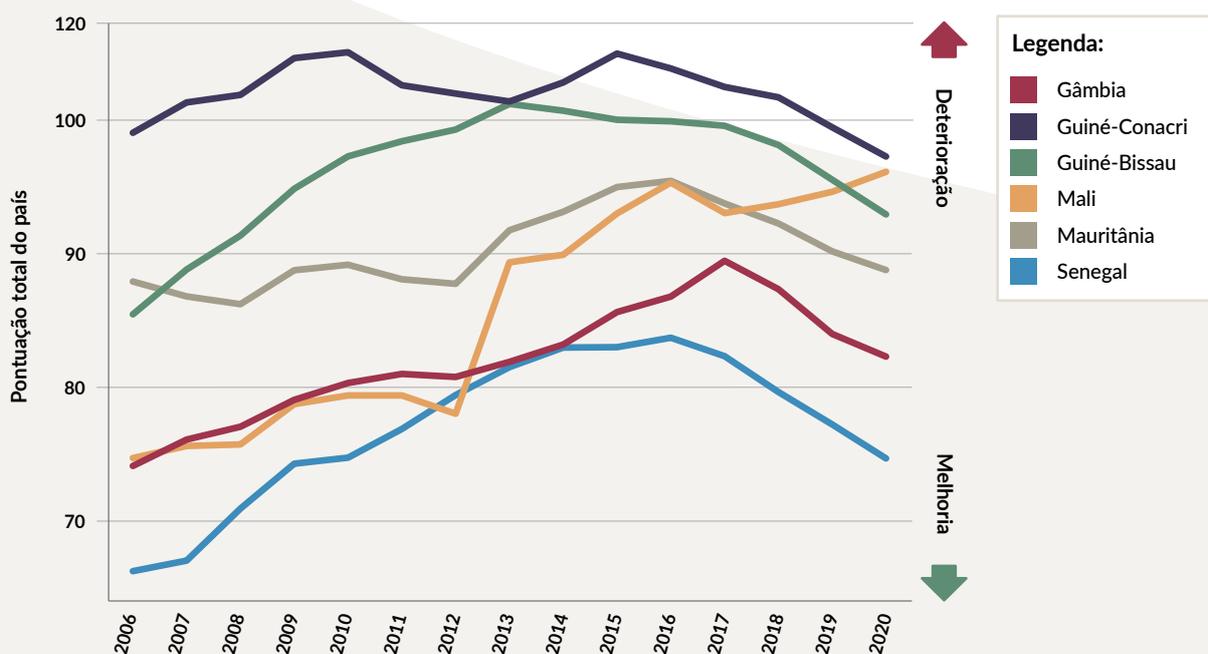


FIGURA 4 Tendências da instabilidade nos países do ecossistema costeiro, 2006–2020.

Fonte: Fragile States Index 2020

Estas estruturas de protecção demonstraram notável resiliência, independentemente de mudanças de regime, de convulsões políticas e de uma série de golpes de Estado militares.⁵² Muitos intervenientes-chave nas estruturas de protecção dos pólos do ecossistema costeiro ou permaneceram no poder durante grande parte deste período,⁵³ ou então foram reciclados, mantendo-se invisíveis durante uns tempos antes de voltarem à ribalta. Ilustrando um destes casos, a chegada ao poder pelo Presidente Embaló, na Guiné-Bissau, em fevereiro de 2020, parece ter incentivado o regresso de uma série de proeminentes figuras militares que tinham recuado para o segundo plano da política de Bissau, e que anteriormente tinham estado estreitamente associadas ao tráfico de droga, incluindo indivíduos que constam das listas de sanções internacionais.⁵⁴

Embora as estruturas de protecção de elite sejam altamente localizadas, moldadas pela influência geográfica dos principais intervenientes em cada estado, começam a ser cada vez mais entrelaçadas. Veja-se que as ligações políticas entre o Presidente Vieira da Guiné-Bissau e o Presidente Conté da Guiné-Conacri durante a emergência da economia regional da cocaína foram cruciais para o desenvolvimento do tráfico de cocaína localizado, com consideráveis níveis de circulação transfronteiriça de traficantes entre os dois países.⁵⁵

O papel de certos empresários ilícitos nos alicerces dessa rede de protecção através de diferentes núcleos mostra bem esta conectividade. Várias fontes, por exemplo, indicam que Braima Seidi Bá – um empresário com boas ligações políticas e traficante de cocaína de Bissau – interligou os traficantes de

cocaína latino-americanos e Conté, demonstrando a existência de ligações transfronteiriças nas estruturas de protecção dos vários núcleos (o papel de Seidi Bá é discutido mais abaixo).⁵⁶

As instituições públicas de cada núcleo no ecossistema costeiro oferecem um nível de protecção ao tráfico da cocaína. A Guiné-Bissau, cujas instituições são cronicamente frágeis e dependem desde há muito dos lucros do comércio de cocaína, parece funcionar como um porto seguro – tanto para armazenamento (a cocaína é guardada no país antes de ser expedida em pequenas quantidades)⁵⁷ como para os agentes ilícitos que parecem conseguir evitar ser detidos no país depois de apreensões. Recentemente, Banta Keita, que se crê ser uma figura-chave por detrás da apreensão de três toneladas em Banjul, em janeiro de 2021, terá fugido para a Guiné-Bissau, segundo alguns comentadores, embora outros indiquem o Senegal, o paradeiro exacto de Keita permanece desconhecido.⁵⁸

Tais dispositivos de protecção de alto nível são claramente essenciais para o funcionamento da economia da droga no ecossistema costeiro. Entretanto, a pequena corrupção, incluindo entre o pessoal fronteiriço, as autoridades aduaneiras e a polícia, também tem impacto nos núcleos e pontos de trânsito ilícitos. Os dois fenómenos estão interligados: os baixos salários pagos às autoridades policiais e aduaneiras acentua a sua vulnerabilidade ao suborno; são também o resultado de insuficiência de recursos – que, em parte, se deve às práticas da elite, que desvia recursos através de redes de clientelismo e limita o investimento em serviços públicos.⁵⁹

Aeroporto de Dacar. A conectividade permitida pelos aeroportos internacionais da região é importante para os traficantes latino-americanos. © Seyllou/AFP via Getty Images





▲ Destruição de cocaína pelas autoridades em Bissau, setembro de 2019.

OPERADORES NO ECOSISTEMA COSTEIRO

Os espaços funcionam como núcleos ilícitos se as suas características favoráveis puderem ser exploradas por agentes criminosos. Desde meados dos anos 2000, dois tipos de operadores têm tirado partido das condições apresentadas pelos pólos do ecossistema costeiro: os traficantes latino-americanos, que fazem a ponte entre áreas de produção de cocaína e esses pontos de trânsito, e os empresários criminosos regionais que controlam grande parte das transações e operam como intermediários entre os latino-americanos e as estruturas locais de protecção. O terceiro ponto do triângulo de atores-chave por detrás da economia da cocaína do ecossistema costeiro é a elite político-militar, que fornece protecção aos outros dois grupos, assegurando que as transações não são perturbadas.

As duas grandes apreensões de 2019 na Guiné-Bissau – 789 quilos em março e mais de 1.800 quilos em setembro (este última, a maior da história do país) – proporcionam uma ideia da forma como estes atores-chave operam entre núcleos no ecossistema.⁶⁰ Destacam igualmente a constante importância de um empresário ilícito: Braima Seidi Bá, um dos traficantes de cocaína mais sólido do país. Seidi Bá subiu à ribalta em meados dos anos 2000, quando o domínio militar sobre o tráfico se fragmentava⁶¹ e voltou à linha da frente em 2019. Por detrás da operação de março de 2019, crê-se, que Bá foi condenado pelos tribunais de Bissau pela coordenação da operação que levou à apreensão de setembro de 2019.⁶² As interligações regionais evidenciadas na sequência da apreensão de março de 2019 são mostradas na Figura 5.⁶³

Detenções (e investigações) adicionais na sequência das duas apreensões revelaram redes de indivíduos abrangendo quatro núcleos no ecossistema costeiro (Senegal, Guiné-Bissau, Mali e Guiné-Conacri), um conjunto de operadores no Níger, que parecem ter estado ligados a estruturas de protecção regionais, e um grupo de traficantes latino-americanos.⁶⁴

Todos estes grupos circulam à vontade entre núcleos no ecossistema costeiro. Por exemplo, os traficantes latino-americanos ligados à carga da março de 2019 tinham, na altura, presença tanto em Dacar como em Bissau, tal como era costume entre traficantes latino-americanos desde a sua chegada à África Ocidental, no início dos anos 2000.⁶⁵ (Na sequência da apreensão de março, os traficantes latino-americanos em Dacar, e dois dos quatro que estavam em Bissau, desapareceram rapidamente).⁶⁶ Da mesma forma, vários colombianos que se encontram regularmente em Bissau são conhecidos por se deslocarem frequentemente entre essa cidade e Conacri.

Evidenciando os estreitos laços entre operadores latino-americanos e os empresários ilícitos regionais, vários colombianos em Bissau são conhecidos pelas suas ligações a Seidi Bá.⁶⁷ Um deles – Jonh Freddy Valencia Duque – foi condenado no âmbito da operação de tráfico de agosto de 2019, coordenada por Seidi Bá e pelo co-cabeçalha, Ricardo Monje (com dupla nacionalidade colombiana e mexicana).⁶⁸

Enquanto Duque está atualmente a cumprir pena em Bissau, Monje e Seidi Bá continuam soltos.

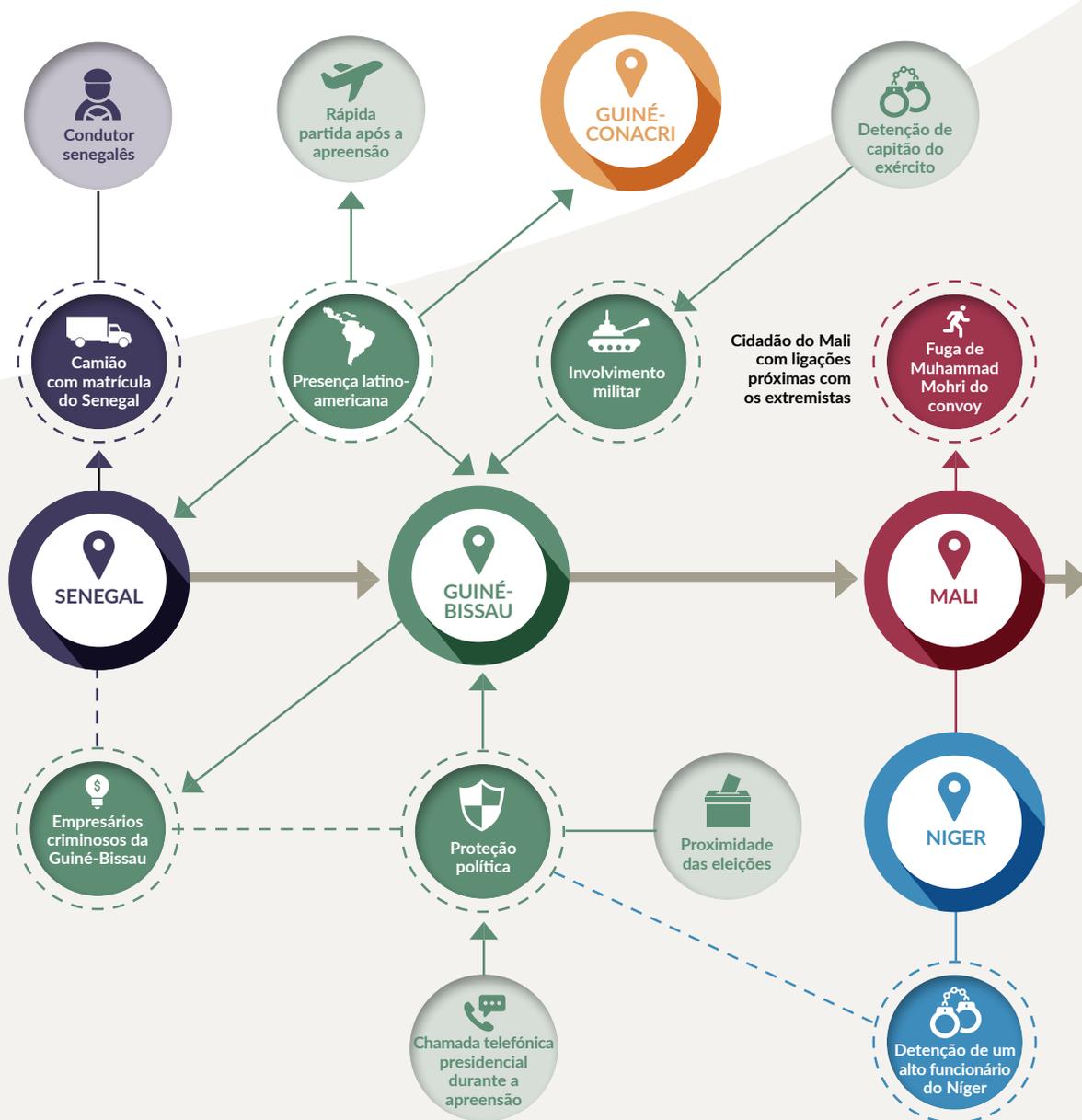


FIGURA 5 Interligações entre países na apreensão de cocaína na Guiné-Bissau em Março de 2019.

Nota: O momento da apreensão, imediatamente antes das eleições legislativas na Guiné-Bissau, é geralmente considerado como indicativo de que os operadores bissau-guineenses ligados a esta carga precisavam do montante para a campanha. Uma comunicação feita pelo gabinete do presidente à Polícia Judiciária que liderava a investigação (supostamente porque as urnas estavam alegadamente no camião e o presidente estava “preocupado” com a possibilidade de ter havido alguma tentativa de subverter o processo eleitoral), também levantou suspeitas de protecção política ao mais alto nível.



▲ A Guiné-Bissau tem sido apontada como excelente exemplo de como a economia do trânsito de droga compromete a estabilidade regional.

INICIATIVAS REGIONAIS

O aumento do tráfico de cocaína pela África Ocidental no início dos anos 2000 foi, em grande medida, ignorado pelos intervenientes internacionais e (pelo menos oficialmente) regionais até 2007.⁶⁹ Nesse momento, as preocupações sobre as implicações do tráfico de cocaína na governação na região desencadearam uma série de reações, incluindo um compromisso político de alto nível e um plano de ação regional dos Estados para responder ao desafio em 2008, a Declaração Política sobre a Prevenção do abuso de drogas, tráfico ilícito de drogas e crimes organizados na África Ocidental.⁷⁰

Mais tarde, em 2013, foi criada a Comissão da África Ocidental sobre a Droga (West Africa Commission on drugs – WACd), convocada sob influência de Kofi Annan.⁷¹ O emblemático relatório da WACd, que se baseou numa série de consultas regionais, enfatizou os impactos regionais do tráfico de cocaína e sublinhou a relação entre o tráfico e a erosão da governação, instabilidade e conflito, assim como o consumo doméstico. O relatório, intitulado 'Not just in Transit' (Não apenas em trânsito), destacou a Guiné-Bissau, mencionando repetidamente o país como um exemplo de como o tráfico iria minar os processos democráticos na região.⁷²

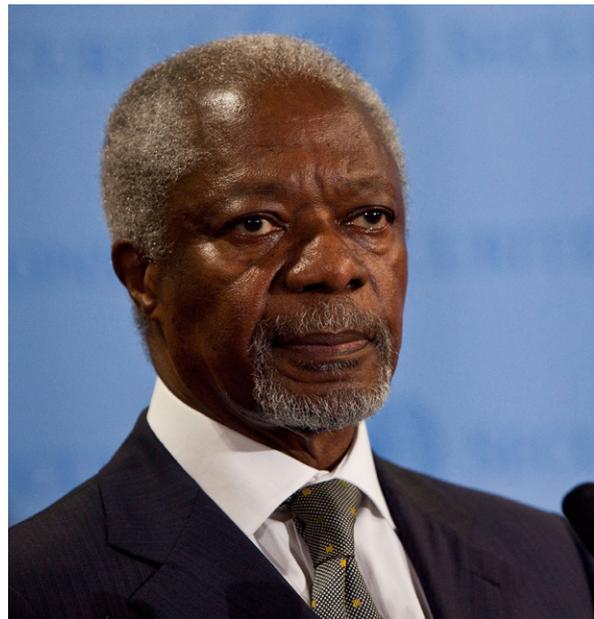
Embora a WACd tenha continuado ativa na dinamização da discussão regional e internacional e do foco no tráfico de drogas na África Ocidental, a declaração política sobre drogas e outros esforços dirigidos ao nível político não tiveram continuidade.⁷³ Apesar disso, a CEDEAO tem continuado envolvida e activa na

monitorização da estabilidade política da Guiné-Bissau e na tomada de medidas correctivas, incluindo através de declarações e da aplicação de sanções, durante períodos em que foram observados sinais de alerta de instabilidade. A posição da CEDEAO em relação à obtenção da presidência por Embaló em 2020 manchou, contudo, aquele que, até então, tinha sido o seu forte historial no país.⁷⁴

De uma perspectiva operacional, diversas iniciativas regionais na África Ocidental tentaram reforçar a luta contra o crime organizado transnacional e fomentar a cooperação regional e a partilha de informações. Entre os principais programas contam-se a iniciativa Costeira da África Ocidental, lançada em 2009 para reforçar capacidades de aplicação da lei e de justiça penal; uma série de projetos financiados pela UE para reforçar a segurança marítima em todo o Golfo da Guiné, incluindo um enfoque no reforço das capacidades portuárias contra o tráfico ilícito; e o AirCOP, um projeto implementado pelo UNODC e cujo objectivo é reforçar capacidades de agências de interdição em aeroportos internacionais seleccionados ao longo da rota da cocaína na América Latina, Caraíbas e África Ocidental.⁷⁵

Embora alguns destes projetos tenham produzido resultados impressionantes, também têm sido entravados por dispersão das vontades políticas na região. Além disso, o seu foco tem-se centrado frequentemente na África Ocidental como um todo e não em rotas específicas, ou nos ecossistemas que este documento analisa, o que tem enfraquecido o seu impacto.⁷⁶

Uma abordagem sub-regional, mais ligada às características de corredores ou ecossistemas específicos, pode ser posicionada para produzir melhores resultados. A entrada, em julho de 2019, num memorando de entendimento para reforçar a cooperação em matéria de aplicação da lei em relação ao tráfico de droga e subsequente crime organizado relacionado por parte dos organismos responsáveis pela aplicação da lei na Gâmbia, Guiné-Bissau e Senegal é um passo promissor no sentido de melhorar a coordenação sub-regional.⁷⁷



Kofi Annan convocou a Comissão da África Ocidental sobre a Droga, que salientou a relação entre o tráfico de droga e a instabilidade. © Andrew Burton/Getty Images



▲ É necessária uma abordagem sub-regional para formular uma resposta de programação às economias ilícitas do ecossistema costeiro da África Ocidental. Na imagem, o mediador da CEDEAO, Goodluck Jonathan, e o presidente Embaló assistem à tomada de posse do presidente de transição do Mali.

RECOMENDAÇÕES: UMA RESPOSTA SUB-REGIONAL

A cada vez maior produção global de cocaína está a sobrecarregar as rotas de tráfico internacional enquanto os países de produção estão a pressionar para movimentar volumes cada vez maiores em direção aos mercados de consumo. Neste macrocontexto, compreender a economia da cocaína da África Ocidental como um ecossistema ilícito, composto por vários núcleos, zonas fronteiriças e zonas de ligação estreitamente interligados, enfatiza a importância de uma abordagem sub-regional na formulação de uma resposta política e de programação operacional adequada. Nomeadamente:

1. O processo de elaboração e implementação de programas em resposta ao aumento do tráfico de cocaína deve ter um foco sub-regional e, em certos casos, até concentrar as suas atividades unicamente num Estado, ao mesmo tempo que opera em harmonia com iniciativas complementares em toda a região. A programação regional de grande envergadura é frequentemente mal adaptada às necessidades específicas de cada país ou ecossistema, o que pode diluir aquele que poderia ser o seu impacto.
2. Um robusto compromisso regional de alto nível é requerido para responder (ou, pelo menos, para ser visto a responder) ao tráfico de droga. Tal processo deve ser liderado por organismos regionais, incluindo a CEDEAO e a União Africana, que devem reanimar a declaração da Praia sobre tráfico de droga e interferência política tal como promover a partilha de informação regional, ação conjunta e a utilização apropriada de instrumentos internacionais para condenar o envolvimento no tráfico de droga.

3. É preciso um maior controlo e vigilância das dinâmicas entre os núcleos ilícitos no ecossistema costeiro e das suas ligações regionais, com o intuito de compreender os volumes de cocaína sem precedentes que são traficados no seu seio e de construir uma base de evidências para construir respostas rápidas e eficazes. Os mercados de tráfico de droga da África Ocidental permanecem mal compreendidos, o que dificulta a avaliação da sua escala e impacto. Os esforços devem incluir a recolha de dados sobre o uso doméstico, que está a aumentar, de acordo com provas pontuais, mas ainda mal estimado em termos quantitativos. A curto prazo, a urgente necessidade de análise mais rigorosa deve ser satisfeita por organismos regionais e internacionais, mas, a longo prazo, a capacidade dos organismos regionais e dos próprios Estados deve ser reforçada para recolher dados e monitorizar os mercados ilícitos nacionais.
4. A partilha de informação e a cooperação entre as principais unidades regionais de ação policial nos núcleos do ecossistema costeiro devem ser intensificadas, em conformidade com os objetivos do memorando de entendimento celebrado entre três Estados em julho de 2019. A Polícia Judiciária da Guiné-Bissau está bem posicionada para liderar essa colaboração regional. A unidade de Crime Transnacional do país deve também ser habilitada a desempenhar um papel mais central.
5. O apoio operacional para incrementar o controlo fronteiriço no ecossistema costeiro deve concentrar-se nos principais nós dos sistemas de transporte, e particularmente nos portos marítimos, que são determinantes para o ecossistema. Em particular, o apoio deve concentrar-se na atenuação do risco de tráfico via contentores de mercadorias, incluindo através do reforço das operações do SeaCOP, e através da expansão do Programa de Controlo de Contentores da UNODC, atualmente operacional em Dacar, ao longo de portos vulneráveis do ecossistema costeiro.
6. Os parceiros internacionais, incluindo o sistema da ONU, podem e devem desempenhar um papel ao encorajarem o compromisso regional dos governos como parte do pacote de resposta. Tal deve incluir o apoio a processos judiciais de alto nível; o envolvimento de e o apoio a decisores políticos de alto nível que participam na destruição de drogas e a edificação de esforços de integridade e anticorrupção no seio de todos os programas e iniciativas como pré-requisito para obtenção de financiamento.

NOTAS

- 1 Foi apreendida mais cocaína nos primeiros três meses de 2019 na Guiné-Bissau e em Cabo Verde do que no resto do continente africano entre 2013 e 2016.
- 2 Desde 2012, os níveis de produção de cocaína têm vindo a crescer desmesuradamente. As estimativas da UNODC indicam que 2017 foi um ano recorde de produção, com 1.976 toneladas confeccionadas – um aumento de 25% em relação ao ano anterior. Isto deveu-se em grande parte a um aumento da produção de coca nos principais países produtores, nomeadamente na Colômbia, onde a área de cultivo de coca (que triplicou em tamanho entre 2013 e 2016) tinha aumentado para uma área estimada de 171.000 hectares em 2017.
- 3 Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020. Cabo Verde é também um ponto de transbordo e trânsito. O arquipélago ultrapassa o âmbito da área abrangida neste *brief*, mas as interligações merecem um escrutínio mais aprofundado.
- 4 A nível mundial, os núcleos ilícitos formam uma rede entrelaçada e o seu rastreamento permite um mapeamento da economia ilícita, traçando a geografia da 'globalização desviante'. Ver os 150 'pontos negros' identificados na investigação conduzida por Stuart Brown e Margaret Hermann, que incluem a Guiné-Bissau, e duas áreas de particular relevância para o ecossistema costeiro aqui examinado: as áreas tri-fronteiriças da Argélia – Mali – Níger e Serra Leoa – Libéria – Guiné-Conacri; ver Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020. O termo 'globalização desviante' – no sentido da "face inferior negativa da integração transnacional" – foi cunhado por Nils Gilman no artigo "Deviant Globalisation", *Wired*, 5 de maio de 2018, <https://www.wired.com/2010/05/deviant-globalization/>.
- 5 A competição pelo controlo do lucrativo mercado foi um motor fundamental dos repetidos ciclos de violência e convulsões políticas da Guiné-Bissau, enquanto que o colapso do Estado do Mali em 2011 realçou a escala dos fluxos de tráfico de droga transsaariana e a medida em que estes contribuíram para a instabilidade. A instabilidade contínua no Sahel, e ainda mais na Líbia, que continua mergulhada em conflitos, contribuiu para a deslocação parcial das rotas de tráfico em direcção à costa, com a Mauritânia a funcionar cada vez mais como um ponto de saída significativo. Embora uma série de drogas seja traficada em ambos os sentidos através do Saara, incluindo haxixe e drogas prescritas, como o Tramadol, a cocaína é de longe a mais lucrativa, e conseqüentemente a mais intrinsecamente ligada à estabilidade da região.
- 6 A relação entre o tráfico de mercadorias ilícitas e a fragilidade está bem estabelecida. As actividades de tráfico contribuem para a fragilidade e a instabilidade na região de inúmeras formas, mas que podem ser categorizadas da seguinte forma: fornecendo uma fonte de financiamento e armas para criminosos e grupos rebeldes; recompensando e promovendo competências relacionadas com a violência; mudando os incentivos dos decisores políticos e líderes militares; causando conflitos entre grupos concorrentes; conduzindo a sistemas de governação alternativos. Ver Côme dechery e Laura ralston, *Trafficking and fragility in West Africa, Fragility, Conflict, and Violence Group*, Banco Mundial, 2015, <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/22475>.
- 7 Os centros desempenham normalmente uma ou mais de três funções: produção, trânsito ou distribuição. Os centros do ecossistema funcionam principalmente como "centros de trânsito", de acordo com a geografia do ecossistema, situados entre as áreas produtoras de cocaína na América Latina, e os mercados de consumo na Europa e nos EUA. Ver Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 8 Os países da região desempenham um papel significativo numa série de outros mercados, incluindo o auxílio à emigração ilegal, o contrabando de madeira e o abate ilícito de árvores. Ver 'Rosewood smuggling in The Gambia: Shipping firm halts timber exports', BBC 8 de julho de 2020, <https://www.bbc.co.uk/news/world-africa-53325743>. A policriminalidade foi considerada uma característica chave dos principais núcleos ilícitos: a maioria dos 'pontos negros' identificados por Brown e Hermann operavam em vários mercados, Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 9 A pesquisa de Brown e Hermann considera que existe uma distribuição relativamente uniforme em espaços rurais e urbanos; ver Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 10 Dito de outra forma, cada um dos núcleos do ecossistema costeiro é um 'ponto de transbordo intermodal' (ou seja, onde o transbordo ocorre entre diferentes modos de transporte). Ver A. Changmin Jiang et al, *Transport networks and impacts on transport nodes*, US National Library of Medicine, 2018.
- 11 Foram também feitas apreensões em portos mais a sul na costa da África Ocidental, embora as apreensões mais expressivas se concentrem nos países do ecossistema

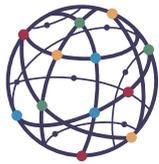
- costeiro, a par de Cabo Verde, Serra Leoa e Côte d'Ivoire. Ver: Breaking news: Cocaine valued at over 4.5 billion dalasis seized at port as massive manhunt rolled out for Fajara man, The Fatu Network, 8 de janeiro de 2021, <https://fatunetwork.net/breaking-news-cocaine-valued-at-over-4-5-billion-dalasis-seized-at-port-as-massive-manhunt-rolled-out-for-fajara-man/>; Benjamin Roger, dakar cocaine seizure shows West African ports are easy transit hubs, The Africa report, 17 de outubro de 2019, <https://www.theafricareport.com/18839/dakar-cocaine-seizure-shows-west-african-ports-are-easy-transit-hubs/>; Dakar Port: 4 kilograms of cocaine seized, three suspects arrested (douanes Senegalaises, 17 de setembro de 2019), <https://www.douanes.sn/en/node/1393>; Benin: 557kg of cocaine leaving for the port of Antwerp seized at the Port of Cotonou, Bénin WEB TV, 2 outubro 2020, <https://beninwebtv.com/2020/10/benin-557-kg-de-cocaine-en-partance-pour-le-port-danvers-saisis-au-port-de-cotonou/>.
- 12 D. Danelo, Constructing crime: risks, vulnerabilities and opportunities in Africa's infrastructure, ENACT, 2019.
- 13 As autoridades da Gâmbia, Senegal e Guiné-Bissau anunciaram planos para melhorar o desempenho. Ver <https://www.maritime-executive.com/article/1-1-billion-investment-in-new-senegal-port-and-terminal-by-dp-world>; Gambia Ports Authority, Relatório Anual 2017 a 2019, https://www.gambiaports.gm/storage/files/1/Annual_reports/annual_report_gpa_2019.pdf. No entanto, actualmente os planos de expansão na Guiné-Bissau estão estagnados, enquanto a produtividade em muitos portos diminuiu durante a pandemia de COVID-19.
- 14 D. Danelo, Constructing crime: risks, vulnerabilities and opportunities in Africa's infrastructure, ENACT, 2019.
- 15 Agência de combate ao tráfico de drogas, Gâmbia, Ministério do Interior, Nota informativa sobre a apreensão de 2.952,85 kg de cocaína, 8 de janeiro de 2021. O porto de Banjul, um núcleo regional secundário que pretende servir de 'porta de entrada para a região da CEDEAO', registou um crescimento médio de 7% no rendimento anual desde 2008 (atingindo um rendimento total de 2,5 milhões de toneladas métricas em 2018, cerca de 75% do qual era tráfego de contentores). O rendimento registou um especial pico (16%) entre 2016 e 2017, momento em que a mudança de regime foi interpretada como fonte de estabilidade operacional, https://commons.wmu.se/cgi/viewcontent.cgi?article=2153&context=all_dissertations. O Banco Africano de Desenvolvimento designou Banjul como 'porta de entrada para a CEDEAO' em https://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/documents/Publications/AfDB_-_Gambia_-_Transport_sector_diagnostic_study.pdf.
- 16 O porto de Bissau, localizado no ponto mais próximo entre África e a América Latina, torna-se grandemente aberto a redes criminosas devido à combinação de escassa capacidade de escrutínio e corrupção generalizada.
- 17 OECD/EUIPO, Trade in counterfeit goods and free trade zones: Evidence from recent trends, illicit trade, OECD Publishing, Paris/EUIPO, 2018.
- 18 Africa's top ten fastest growing airports revealed, Routes online, 6 de novembro de 2019, <https://www.routesonline.com/news/29/breaking-news/287373/africas-top-ten-fastest-growing-airports-revealed/>.
- 19 A utilização contínua de rotas de tráfico aéreo é corroborada por dados relativos a apreensões. Entre 2011 e 2020, por exemplo, houve apreensões periódicas de cocaína no aeroporto da Guiné-Bissau em rotas que ligam a América Latina, Bissau e a Europa. As cargas são, evidentemente, muito menores do que os apreendidos em embarcações marítimas.
- 20 Ver <https://www.douanes.sn/en/node/1341>
- 21 Entrevista, Dacar, junho de 2019.
- 22 Alfândegas senegalesas, Fight against international drug trafficking: Another big catch of hemp in Tambacounda, 12 de novembro de 2020, <http://www.douanes.sn/en/node/1647>.
- 23 Research Programme Consortium, Migrant Smuggling in the Casamance Area of Senegal, agosto de 2019, <http://www.migratingoutofpoverty.org/files/file.php?name=koop-smuggling-senegal-online.pdf&site=354>.
- 24 Entrevistas, funcionários locais e estrangeiros, Bissau, julho 2019.
- 25 Ver, por exemplo, 'Geopolitical black holes', em Moisés Naím, *Illicit: How Smugglers, Traffickers, and Copycats Are Hijacking the Global Economy*, New York: Anchor Books, 2005; 'hubs of illicit marketplace', Patrick Radden Keefe, 'The geography of badness: mapping the hubs of the illicit global economy', em Michael Miklaucic and Jacqueline Brewer (eds), *Convergence: Illicit Networks and National Security in the Age of Globalization*, National Defense University Press, 2013; David M. Crane, Dark corners: The West African joint criminal enterprise, *International Studies Review*, 10, 2008, 387–391; e Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 26 Estas categorias são extraídas da literatura relativa à geografia ilícita, incluindo Michael Miklaucic e Jacqueline Brewer (eds), *Convergence: Illicit Networks and National Security in the Age of Globalization*, National Defense University Press, 2013 e Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 27 As cidades construídas ao longo dos corredores mercantis, e que constituem os centros das finanças e do comércio mundiais, frequentemente apresentam estas duas primeiras características.
- 28 Segundo a cartografia de Brown e Hermann dos núcleos ilícitos mundiais, 80% daqueles que foram identificados estão situados em zonas de fronteira. Ver Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 29 Embora os núcleos estejam localizados em terra, o espaço limítrofe das zonas fronteiriças aplica-se também às fronteiras marítimas. Os limites das águas territoriais dos países são muitas vezes mal mapeados, e as águas internacionais tornam-se frequentemente espaços livres de interdição, em parte devido à vasta complexidade da jurisdição. Ver Ian Urbina, *The Outlaw Ocean: Crime and Survival in the Last Untamed Frontier*, Vintage, 2019.
- 30 As zonas fronteiriças também são vantajosas para economias de contrabando que tiram partido das diferenças fiscais e de outras heterogeneidades transfronteiriças.

- 31 Vários estudos encontraram uma relação entre a fragilidade do Estado de direito e a prevalência do crime organizado dentro das fronteiras de um Estado; ver E. Buscaglia e Jan Van Dijk, *World of Crime: Breaking the Silence on Problems of Crime, Justice, and Development Across the World*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008; H.E. Sung, State failure, economic failure, and predatory organized crime: A comparative analysis, *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 41, 1 (2004), 111–129.
- 32 Algumas economias de clientelismo evoluem para “estados criminalizados” centrados em facilitar e explorar economias ilícitas, em vez de prestarem serviços públicos estatais
- 33 Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020.
- 34 Entrevista, alto agente das forças da ordem, Bissau, julho 2019. Lansana Gberie, *Crime, violence and politics: drug trafficking and counternarcotics policy in mali and Guinea*, Brookings Institution, Center for 21st Century Security and Intelligence, Latin America Initiative, 2016, p. 10.
- 35 Entrevistas com dealers de drogas de rua na Guiné-Bissau, dezembro de 2020-janeiro de 2021.
- 36 David Lewis, Surge in cocaine trade undermines Conde's bid to revive Guinea, 31 janeiro 2014, Reuters, <https://www.reuters.com/article/guinea-drugs-iduKL5NOKX2F720140131>.
- 37 É fácil de ver que a globalização entrava a capacidade de controlar mercadorias que atravessam fronteiras.
- 38 Por exemplo, os regulamentos do lado da fronteira da Guiné-Bissau são rudimentares, com um empresário local a relatar níveis muito elevados de corrupção em acordos com funcionários. Há repetidamente apreensões na fronteira entre a Guiné-Bissau e o Senegal. Estas são resultado de grandes remessas de drogas na Guiné-Bissau a serem desmanteladas e transferidas em unidades de menor dimensão para o Mali, o que ilustra o papel da Guiné-Bissau como um núcleo de armazenamento. Entrevistas, forças policiais estrangeiras e locais, Bissau, julho de 2019.
- 39 A região de Casamança é há muito uma zona de soberania contestada, incluindo confrontos entre as antigas potências coloniais França e Portugal. As drogas, que tinham sido transportadas por mar, foram escondidas no fundo falso de um camião frigorífico utilizado para transportar peixe. Entrevistas, agentes da lei locais e estrangeiros, Dacar e Bissau, junho e julho de 2019.
- 40 Entrevista, alto agente das forças da ordem, Dacar, junho 2019.
- 41 Outras opções implicariam conduzir para ou através da Gâmbia, ou para sul até à Guiné-Conacri. A rota de tráfico de Tambacounda e para o Mali atravessa terras fronteiriças pelo meio da fronteira norte do país com a Mauritânia e na atualidade funciona como corredor-chave de tráfico.
- 42 A heterogeneidade étnica é outra característica dos ‘pontos negros’ destacados em Stuart Brown e Margaret Hermann, *Transnational Crime and Black Spots, Rethinking Sovereignty and the Global Economy*, Palgrave Macmillan, 2020. As raízes do tráfico de droga na Guiné-Bissau remontam à guerra de 1998, especialmente ao tráfico de armas para combatentes separatistas na região de Casamança. A elite política da Guiné-Bissau da altura, esfomeada de recursos, utilizou o tráfico de armas para adquirir recursos para financiar a mobilização política e as redes de clientelismo (tal como mais tarde iriam usar o tráfico de droga). Quando isto se tornou público, as demissões que se seguiram desencadearam a guerra civil.
- 43 Em fevereiro de 2021, um grupo de rebeldes de Casamança ameaçou entrar na Guiné-Bissau caso as tropas senegalesas utilizassem o território guineense como base a partir da qual lançassem ataques na região.
- 44 Research Programme Consortium, *Migrant Smuggling in the Casamance Area of Senegal*, agosto 2019, <http://www.migratingoutofpoverty.org/files/file.php?name=moop-smuggling-senegal-online.pdf&site=354>.
- 45 É fundamental manter em mente que as fronteiras das águas territoriais são extremamente contestadas e que as águas internacionais são uma zona de jurisdições sobrepostas. Os atores ilícitos que transitam por estas fronteiras marítimas e “terras de ninguém” exploram estas características legais, tendo como efeito o florescimento de mercados ilícitos no alto mar. Ver Ian Urbina, *Outlaw Ocean: Crime and Survival in the Last Untamed Frontier*, Vintage, 2019.
- 46 O Índice dos Estados Frágeis inclui 11 categorias, passando da mais estável (muito sustentável) para a menos estável (alerta muito elevado). Guiné-Conacri, Guiné-Bissau e Mali são todos países classificados de “alerta” (a terceira categoria mais frágil); Gâmbia e Mauritânia estão em “alerta alto” (quarta mais frágil); Senegal, o mais forte do grupo, está na categoria “alerta muito elevado” (quinta mais frágil).
- 47 Apontando para adicionais práticas corruptas generalizadas, todos os Estados, com exceção do Senegal, caem na metade inferior do Índice de Percepções de Corrupção da Transparency International, com a maioria agrupada no quarto inferior. Note-se que a lista inclui 180 países. Os países do ecossistema classificam-se do seguinte modo: Guiné-Conacri: 130; Guiné-Bissau: 168; Gâmbia: 96; Senegal: 66; Mauritânia: 137; Mali: 130. Ver Transparency International, *Índice de Percepções de Corrupção 2019*, <https://www.transparency.org/en/cpi/2019/index/nzl#>.
- 48 Tal como tem sido observado com a deslocação de rotas do Sahel-Sahara em direcção à costa devido ao colapso do Estado do Mali e à instabilidade contínua em toda a região, especialmente na Líbia.
- 49 Patrick Radden Keefe, ‘The geography of badness: Mapping the hubs of the illicit global economy’, em Michael Miklaucic e Jacqueline Brewer (eds), *Convergence: Illicit Networks and National Security in the Age of Globalization*, National Defense University Press, 2013.

- 50 Citação extraída da descrição do surgimento da Ucrânia pós-soviética como um núcleo de mercado negro pelo antigo Ministro-Adjunto dos Negócios Estrangeiros dos EUA, Jonathan Winer: “Há centralização de poder, recursos em muito poucas mãos, sem escrutínio, sem um sistema judicial funcional independente, com uma enorme fronteira porosa, herança de enormes instalações militares, muitas pistas de aterragem, um monte de aviões velhos”. Jonathan M. Winer e Phil Williams, *Russian Crime and Corruption in an Era of Globalization: Implications for the United States*, em *Russia's Uncertain Economic Future*, John E. Hardt (ed.), Washington, DC: M.E. Sharpe, 2003, 97–124.
- 51 Mark Shaw, *Drug Trafficking in Guinea-Bissau, 1998–2014: The Evolution of an Elite Protection Network*, 2015, https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2017/12/Shaw-drug_trafficking_in_guineabissau_19982014_the_evolution_of_an_elite_protection_network.pdf; para os catalisadores de insegurança na Mauritânia, ver Anouar Boukhars, abril 2012, https://carnegieendowment.org/files/mauritania_insecurity.pdf. Um telegrama, entretanto divulgado, do embaixador dos EUA na Mauritânia, Mark Boulware, para a União Africana, CEDEAO e vários governos afirma, em 11 de Junho de 2009: “O considerável impacto macroeconómico do tráfico torna impossível acreditar que os líderes políticos e governamentais na Mauritânia não estão envolvidos no problema”. Ver https://wikileaks.org/plusd/cables/09NOUAKCHOTT386_a.html.
- 52 No Mali, por exemplo, que sofreu um extenso colapso do Estado e convulsões políticas, tem havido um significativo nível de reciclagem das elites, com postos atribuídos aleatoriamente entre operadores, mas mantendo-se globalmente consistentes. Ver Peter Tinti, *Drug Trafficking in Northern Mali: a Tenuous Criminal Equilibrium*, 17 de setembro de 2020, ENACT, <https://enact-africa.s3.amazonaws.com/site/uploads/2020-09-17-mali-drugs-research-paper.pdf>.
- 53 Uma série de figuras-chave nos atuais dispositivos político e de segurança da Gâmbia sob a liderança de Adama Barrow não se alterou desde a presidência do ex-presidente Jammeh, cujo governo foi bem conhecido por obter lucros com o tráfico de droga. Na sequência da apreensão de janeiro de 2021 em Banjul, a imprensa gambiana, percebendo que a resposta do governo de Barrow era “ténue”, atribuiu esta percepção de inação à cumplicidade, ao maior nível, do governo, devido ao ‘sabido’ envolvimento de figuras-chave do actual governo no tráfico de droga. Isto poderia confirmar a teoria de que Gâmbia cabe na categoria da proteção “estável” da elite para o mercado do tráfico de droga ao longo do tempo. Em 2017, Jammeh foi incluído na lista de sanções dos EUA devido a abusos dos direitos humanos e corrupção: <https://home.treasury.gov/news/press-releases/sm0243>. A longo do regime de Jammeh, o Estado concentrou-se fortemente na predação de recursos, incluindo o florescente tráfico de droga, em vez da prestação de serviços públicos. Parceiros de Jammeh, incluindo Muhammed Bazzi, foram acusados pelo tesouro dos EUA de ligações ao tráfico de droga. O envolvimento de Jammeh foi também noticiado na imprensa local, citando o antigo diretor-adjunto da Agência Nacional Gambiana de combate ao tráfico de droga (ver <https://www.infosplusgabon.com/a-la-une/9271-former-gambian-leader-wasin-in-illegal-drug-trade>). Além disso, o chefe da Armada da Guiné-Bissau, Bubo Na Tchuto (que foi detido pelos EUA no âmbito de uma operação e cumpriu quatro anos de prisão por tráfico de droga) terá estado próximo de Jammeh e fugiu para a Gâmbia em 2008, onde viveu um ano escondido. Ver *Atlanticactu, Gambie: Saisie de 3 tonnes de cocaïne, un enquêteur de la DLEAG écarté pour avoir interpellé un proche d'un chef d'état*, 13 janeiro 2021, <https://atlanticactu.com/gambie-saisie-de-3-tonnes-de-cocaine-un-enqueteur-de-la-dleag-ecarte-pour-avoir-interpelle-un-proche-dun-chef-detat/>; Gibril Saine, *Where is outrage from the Gambia gov't on the 4 billion Dalasi cocaine seizure?*, The Fatu Network, 12 janeiro 2021, <https://fatunetwork.net/where-is-outrage-from-the-gambia-govt-on-the-4-billion-dalasi-cocaine-seizure/>. Diplomatas regionais concordam que os níveis de criminalidade no país são mais elevados do que nunca. Entrevista com um diplomata, Bissau, Janeiro de 2021.
- 54 Em particular Antonio Indjai. Ver Mark Shaw e A. Gomes, *Breaking the Vicious Cycle: Cocaine politics in Guinea-Bissau*, maio 2020, Global Initiative against Transnational Organized Crime, https://globalinitiative.net/wp-content/uploads/2020/05/Guinea-Bissau_Policy-Brief_Final2.pdf.
- 55 O tráfico de cocaína cresceu ainda mais sob o governo de Alpha Condé, que chegou ao poder em 2010. Embora haja ainda muitas lacunas quanto ao papel da Guiné-Conacri no tráfico regional de cocaína, é evidente que as estruturas de protecção atingiram o topo dos dispositivos políticos do país. Por exemplo, o filho mais velho de Conté, o presidente da Guiné entre 1984 e 2008, era amplamente reconhecido como estando no centro de uma rede de tráfico de droga. Ousmane Conté confessou-o na televisão estatal, num dos vários julgamentos televisados presididos por Dadis Camara, líder do golpe militar que depôs o presidente. Pouco tempo depois, Ousmane Conté foi incluído na lista de sanções dos EUA. Ver Stephen Ellis, *West Africa's international drug trade, African Affairs*, 108, 431, 2009, 171–196; *West Africa's 'cocaine coast', Strategic Comments*, International Institute of Strategic Studies, 17, 5, 2011, 1–3; US Department of the Treasury, 1 junho 2010, <https://home.treasury.gov/policy-issues/financial-sanctions/recent-actions/20100601>.
- 56 Tal foi confirmado em entrevistas realizadas. Ver Mark Shaw, *Drug Trafficking in Guinea-Bissau, 1998–2014: The Evolution of an Elite Protection Network*, *Journal of Modern African Studies*, 53, 3, 2015, 347.
- 57 Bissau são divididas e transferidos em remessas menores para o Mali, o que ilustra o papel da Guiné-Bissau como núcleo de armazenamento. Entrevistas, forças policiais estrangeiras e locais, Bissau, julho de 2019.

- 58 Agência de combate ao tráfico de drogas, Gâmbia, Ministério do Interior, Nota informativa sobre a apreensão de 2.952,85 kg de cocaína, 8 de janeiro de 2021; Ditadura do Consenso, *Cocaína-3 Toneladas Apreendidas Na Gâmbia*, 18 janeiro 2021, <http://ditaduraeconsenso.blogspot.com/2021/01/cocaina-3-toneladas-apreendidas-na.html>; Atlanticactu, *Gambie: Saisie de 3 tonnes de cocaïne, un enquêteur de la DLEAG écarté pour avoir interpellé un proche d'un chef d'état*, 13 janeiro 2021, <https://atlanticactu.com/gambie-saisie-de-3-tonnes-de-cocaine-un-enqueteur-de-la-dleag-ecarte-pour-avoir-interpelle-un-proche-dun-chef-detat/>. Entrevista telefônica com uma fonte na Guiné-Bissau, 20 de Janeiro de 2021. Este é um de vários exemplos; uma ilustração adicional do papel da Guiné-Bissau como “porto seguro” é o caso de um dos três homens senegaleses identificados pela polícia local como estando na origem da importação de 4 kg de cocaína apreendida em Dacar que fugiu para a Guiné-Bissau para evitar ser preso. Conselho de Segurança das Nações Unidas, Relatório do Secretário-Geral sobre as Atividades do Escritório das Nações Unidas para a África Ocidental e o Sahel, 24 de dezembro de 2020, https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/S_2020_1293_e.pdf. Benjamin Roger, *Dakar cocaine seizure shows West African ports are easy transit hubs*, The Africa report, 17 outubro 2019, <https://www.theafricareport.com/18839/dakar-cocaine-seizure-shows-west-african-ports-are-easy-transit-hubs/>.
- 59 Quando os decisores políticos ou a elite política podem aceder a fontes de receitas ‘imerecidas’ tais como lucros de drogas ilícitas, tornam-se menos dependentes da tributação e do crescimento económico como principal fonte de rendimento. Por seu turno, tal conduz a uma maior dependência de atividades destinadas a maximizar o lucro, criando um ciclo que se auto-perpetua e diminui a responsabilização. Este ciclo leva à criação de redes de clientelismo, uma vez que tais lucros são distribuídos a um pequeno grupo de apoiantes. OCDE, *International Drivers of Corruption: a Tool for Analysis*, 2012, <https://www.oecd.org/dac/accountable-effective-institutions/49263997.pdf>.
- 60 Alberto Dabó, ‘Guinea-Bissau police say 1.8 tonnes of cocaine seized in biggest ever haul’, Reuters, 3 setembro 2019, <https://www.reuters.com/article/us-bissau-drugs/guinea-bissau-police-say-18-tonnes-of-cocaine-seized-in-biggest-ever-haul-iduSKCN1VO1Vu>; há rumores de que a apreensão é uma fracção de um carregamento maior de 13.000 kg destinado à Europa. Entrevistas com jornalistas em Bissau, setembro de 2019.
- 61 Nessa altura, Seidi Bá terá também aberto um novo canal na Guiné-Bissau que evitou a elite, confiando em vez disso em números militares de patente inferior. Entrevista, indivíduo com ligações estreitas aos traficantes, Bissau, julho de 2019.
- 62 Entrevista a uma pessoa próxima das redes de tráfico na Guiné-Bissau, Bissau, julho de 2019. Ver República da Guiné-Bissau, Tribunal regional de Cacheu, *Acórdão* No. 13/2020.
- 63 O momento da apreensão, imediatamente antes das eleições legislativas na Guiné-Bissau, é largamente interpretado como sinal de que os operadores bissau-guineenses ligados a este carregamento necessitavam do dinheiro para a campanha eleitoral. Uma comunicação feita pelo Gabinete do Presidente à Polícia Judiciária (supostamente porque as urnas de voto estavam alegadamente no camião e o presidente estava “preocupado” com a possibilidade de ter havido alguma tentativa de subverter o processo eleitoral) também levantou suspeitas de proteção política ao mais alto nível.
- 64 O mais destacado entre os detidos na apreensão de março de 2019 foi Sidi Ahmed Mohamed, um indivíduo do Níger, nomeadamente Tchintabaraden (entre Agadez e Anderamboukane, na fronteira do Mali), que em tempos fora um ponto-chave na rota trans-Saheliana da cocaína. Sidi Ahmed Mohamed é membro do gabinete de Ousseini Tinni, o Presidente da Assembleia Nacional do Níger. Notavelmente, o camião utilizado para transportar a cocaína foi registado no Senegal. As condenações, na sequência da apreensão de Setembro, seguiram um percurso regional semelhante: sete bissau-guineenses (quatro dos quais faziam parte da família de Seidi Bá), quatro colombianos e um maliano. Para mais pormenores sobre a apreensão de Setembro, ver *The Seidi Bá cocaine trial: A smokescreen for impunity?*, janeiro 2021, GI-TOC.
- 65 As operações de um importante traficante latino-americano conhecido como Rafael (nome completo Rafael Antonio Garavito-García), que desempenhou um papel preponderante na emergente economia de tráfico da Guiné-Bissau por volta de 2002, tipificam a abordagem regional adoptada pelas redes latino-americanas. Rafael, mantendo-se ativo na Guiné-Bissau, tinha igualmente interesses ao longo de toda a costa da África Ocidental. Permaneceu um tempo em Bissau, mas também em Dacar e Conacri. Desse modo construiu uma forte base regional para uma futura expansão em toda a região. Informação sobre as operações de Rafael extraída, em parte, de uma transcrição de uma gravação feita pelo procurador durante o interrogatório da fonte confidencial da DEA Ricardo Jardiner, Processo 1:12-cr-00839-JSr documento 79 Arquivado 04/24/15, p. 58. Significativamente, Rafael também passou uns tempos em Lagos, Nigéria, e desenvolveu boas ligações com redes criminosas nigerinas, que vão além da costa e estabelecem ligações com a Europa. Entrevista, indivíduo com ligações estreitas a traficantes, Bissau, julho de 2019..
- 66 Entrevista, alto funcionário das forças policiais senegalesas, Dacar, junho de 2019. Entrevista, indivíduo próximo das redes de tráfico na Guiné-Bissau, julho de 2019. Da mesma forma, embora a rota escolhida por Rafael Monje, o cabecilha latino-americano do carregamento de setembro de 2019, permaneça pouco clara, é provável que tenha aproveitado os aeroportos internacionais do ecossistema para regressar à América Latina, onde se acredita que se encontra.

- 67 O mais proeminente entre estes é Carlos Rojos Ramon. John Freddy Valencia Duque e Herbert Garcia Perez também estão frequentemente presentes, movendo-se entre Bissau e Conacri. Entrevista, indivíduo próximo de redes de tráfico na Guiné-Bissau, Bissau, julho de 2019.
- 68 Ver República da Guiné-Bissau, Tribunal Regional de Cacheu, *Acórdão* No. 13/2020.
- 69 Felix Kumah-Abiwu, Changing Trends in West Africa's Drug Policy Terrain: A Theoretical Perspective, *Commonwealth and Comparative Politics*, 57, 1, 2019, 52.
- 70 Declaração política sobre a prevenção de abuso de drogas, tráfico ilícito de drogas e crimes organizados na África Ocidental, Praia, dezembro 2008, <https://www.unodc.org/westandcentralafrica/en/ecowaspoliticaldeclaration.html>. A declaração foi assinada pelo então presidente Vieira, em nome da Guiné-Bissau.
- 71 Kofi Annan Foundation, Declaração de Kofi Annan por ocasião do lançamento da WACD, 31 janeiro 2013, <https://www.kofiannanfoundation.org/news-releases/kofi-annan-launches-west-africa-commission-on-drugs/>.
- 72 West African Commission on Drugs, *Not just in transit: drugs, the state and society in West Africa*, Geneva, 2014.
- 73 A WACD implementou uma série de formações sobre redução da procura de drogas em toda a região, liderou os esforços para criar uma lei modelo para a África Ocidental em torno da política de drogas e prosseguiu o diálogo com os líderes regionais.
- 74 Frequentemente, a questão da cumplicidade das elites nos fluxos ilícitos é apontada como um fator decisivo na persistência dos ciclos de instabilidade política, incluindo nos esforços mais recentes do ex-presidente José Mário Vaz para tentar consolidar o poder no período que antecedeu as eleições de novembro de 2019. Alberto Dabó, Guinea-Bissau newly appointed PM resigns under pressure from ECOWAS, Reuters, 8 novembro 2019, <https://www.reuters.com/article/us-bissau-politics/guinea-bissau-newly-appointed-pm-resigns-under-pressure-from-ecowas-iduSKBN1X12F0>.
- 75 A Iniciativa da Costa Ocidental Africana (WACI) foi lançada em 2009 como um programa conjunto, abrangendo atividades que visam o desenvolvimento de capacidades tanto a nível nacional como sub-regional, nas áreas da aplicação da lei e policial e o reforço das instituições de justiça criminal. Foi integrado na reforma do setor da segurança, através da qual as forças de segurança interna estavam a ser transformadas de uma força para um serviço por meio de policiamento comunitário. A WACI compreende um mecanismo de direcção e coordenação a três níveis, incluindo um Comité Político de Alto Nível, um comité operacional do projecto e um órgão de direcção e coordenação específico para cada país, nomeadamente as Unidades para Crimes Transnacionais (UCT). A UCT na Guiné-Bissau foi criada em 2010 como elemento de referência para esta iniciativa regional e destina-se a atuar como o principal ponto de contacto no país para o crime organizado transnacional, bem como o principal ponto de ligação com as UTs em toda a região. Em 2014, a UE aprovou uma Estratégia da UE para o Golfo da Guiné, com a CEDEAO, EECAS e a Comissão do Golfo da Guiné. Tal incluiu projetos para estabelecer uma rede regional de partilha de informação, o lançamento do Mecanismo de Monitorização, Apoio e Avaliação das Rotas Marítimas Críticas (CRIMSON), um projeto de segurança portuária regional e o SEACOP, um projeto de cooperação portuária para reforçar as capacidades portuárias contra o tráfico marítimo ilícito. Todas estas iniciativas, embora não incluam ou ainda não estejam ativas na Guiné-Bissau, contribuem globalmente para o reforço da segurança marítima do país.
- 76 Tal está de acordo com as avaliações realizadas relativamente a uma série de projectos que visam o tráfico de droga em toda a África segundo as quais, embora a monitorização e a análise devam ser realizadas regionalmente, é necessário ampliar o foco na programação operacional.
- 77 Mais especificamente, o é celebrado entre a Polícia Judiciária na Guiné-Bissau, a agência de combate ao tráfico de drogas da Gâmbia e o Office Central de Répression du Trafic Illicite des Stupéfiantes do Senegal.



GLOBAL INITIATIVE

AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME

SOBRE A GLOBAL INITIATIVE

A Global Initiative against Transnational Organized Crime (Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional) consiste numa teia global que integra 500 peritos em rede por todo o mundo.

A Global Initiative proporciona uma plataforma para promover maior debate e abordagens inovadoras enquanto alicerces de uma estratégia global inclusiva contra o crime organizado.

www.globalinitiative.net